

## Desafios para o futuro dos distritos criativos brasileiros: uma análise temática

### RESUMO

Distritos criativos são habitats de inovação que promovem o desenvolvimento socioeconômico e a regeneração urbana a partir da economia criativa e da inovação. Há na literatura acadêmica um leque de pesquisas sobre o impacto e os desafios destas tipologias urbanas na Europa, todavia há uma escassez quando o foco é a América latina, em especial, o Brasil. Desta forma, buscou-se investigar quais os principais desafios dos distritos criativos brasileiros a fim de garantir o futuro dos projetos que eles constituem. Para tal, foram conduzidas entrevistas em profundidade em dois distritos brasileiros, sendo utilizado análise temática para o tratamento dos dados. Ao final, concluiu-se que há 06 desafios proeminentes nesses territórios criativos: melhoria do ambiente físico; comunicação interna e externa; desenvolvimento social; fortalecimento da economia criativa; engajamento dos ecossistemas; e governança.

**PALAVRAS-CHAVE:** Distrito Criativo. Indústria Cultural. Setores Criativos. Ecossistema Criativo. Território Criativo.

**Danisson Luiz dos Santos**

**Reis**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

[danisson.sergipe@gmail.com](mailto:danisson.sergipe@gmail.com)

**Clarissa Stefani Teixeira**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

[danisson.sergipe@gmail.com](mailto:danisson.sergipe@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

No século XX, a sociedade passou a constatar que os fenômenos Ciência, Tecnologia e Sociedade não estavam em uma relação direta linear (Siqueira *et al.*, 2021). Por exemplo, os avanços tecnocientíficos e sociopolíticos da era pós-industrial são configurados no formato da desindustrialização de áreas outroras industriais na Europa Ocidental, ocasionando deterioração urbana destes espaços e a extinção da oferta de trabalho para uma classe trabalhadora criada para atender as necessidades da era industrial (Pratt, 2022; Sepe, 2018).

É a partir deste cenário que nascem os distritos criativos na segunda metade do século XX, advindos das estratégias urbanas europeias de recuperação de antigas áreas industriais, ou pioneiras, usando como mola propulsora a cultura e a inovação (Nedučín; Krklješ, 2022; Felicetti; 2016). Os distritos criativos são territórios que se configuram como habitats de inovação com a capacidade de promover o desenvolvimento sustentável, a regeneração urbana e o incremento da atratividade de um território (Michel, 2021; Sabatini, 2019).

Distritos criativos fundem a produção cultural e criativa com o consumo, a inovação e o bem estar social, por meio de uma diversidade de espaços e programas, reconhecendo o contexto histórico, arquitetônico e cultural, integrando os capitais presentes no território, proporcionando uma simbiose entre artes, ativos tangíveis e intangíveis, e a sustentabilidade (Nedučín; Krklješ, 2022; Sacco; Blessi; Nuccio, 2009).

O impacto de suas implementações e os desafios oriundos destas vem sendo alvo de estudos nos últimos anos (Chapain; Sagot-Duvaurox, 2020; Michel, 2018). Todavia, ainda há poucos estudos que versam sobre o impacto da presença destes habitats na América Latina (Zarlenga, 2021; Rius-Ulldemolins; Posso Jiménez, 2016).

No Brasil, os distritos criativos ainda são um fenômeno relativamente recente, contabilizando um total de 06 distritos criativos (Teixeira; Piqué; Ferreira, 2022; Gaspar *et al.*, 2017). Em comum, surgem com a função de criar formas de interação entre as partes interessadas em prol da recuperação do tecido social de áreas degradadas por meio da economia criativa e da inovação social e tecnológica (Teixeira; Reis; Ferreira, 2022).

A fim de aumentar o arcabouço teórico sobre os distritos criativos latinoamericanos, em especial os brasileiros, e prover dados para futuras pesquisas e planejamentos territoriais, o artigo busca investigar os principais desafios que estes habitats de inovação necessitam superar a fim de alcançar os seus respectivos objetivos e garantir o futuro dos projetos que eles constituem.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Frost-Kumpf (1998) é uma das pioneiras ao utilizar a terminologia distrito para referenciar um território, com usos mistos, alta concentração de equipamentos culturais e que servem como âncora de atração de talentos e empresas ligadas à criatividade, à cultura e à inovação.

Todavia, é Santagata (2002) que pavimentou a capilarização do termo distrito criativo e propôs uma classificação para esse habitat, que serviu de base para diversas pesquisas, como, por exemplo, Arnaboldi e Spiller (2011) na Itália, Kim (2011) na Coreia do Sul, Noonan (2013) nos EUA, entre outros. Santagata (2004) sintetiza que um distrito criativo é definido pela produção de bens idiossincráticos baseados na criatividade, cultura e propriedade intelectual.

Para Kim (2011), um distrito criativo refere-se a um território onde se encontra uma aglomeração notável de atividades de consumo e produção cultural em uma área geográfica limitada com identidade cultural distinta. Segundo o autor, os distritos traduzem criatividade em cultura, cultura em bens e serviços econômicos, sendo que alguns destes bens e serviços possuem propriedade intelectual atrelada.

Sepe (2018) afirma que cada distrito é único, possuindo uma atmosfera e identidade únicas, reflexo do turismo local, da identidade cultural local e dos setores da economia criativa presentes no território que fora rotulado, seja pelas políticas públicas, pela iniciativa privada ou por uma organização sem fins lucrativos (Noonan, 2013).

De forma geral, há um conjunto vasto de definições e características sobre distritos criativos, que os descrevem como um sistema territorialmente delimitado que fundem a produção cultural e criativa com o consumo, a inovação e o bem estar social, acolhendo uma ampla gama de atividades culturais, artísticas e criativas em um ambiente concentrado, além de incorporarem o uso misto do espaço que tem como consequência a colaboração dos cidadãos, a participação, a diversidade cultural e a coesão social (Carrizo, 2023; Nedučín; Krklješ, 2022; Kumer, 2020).

É importante salientar que existem diversas possibilidades de geração de um distrito criativo, tais como: ferramenta do governo municipal com objetivos de revitalização (Nedučín; Krklješ, 2022); aglomeração natural ao redor de universidades e centros de conhecimento que acabam atraindo profissionais que querem intercambiar o conhecimento (Pasolar; Hallowell, 2019); aglomeração por causa da presença de equipamentos culturais, tais como museus, patrimônio cultural e outros (Markusen; Gadwa, 2010); a partir de projetos *top down* com a presença de múltiplos atores institucionais (Arnaboldi; Spiller, 2011); organicamente em um formato de governança *bottom up* (Arnaboldi; Spiller, 2011).

Outro ponto de interesse são as possibilidades de delimitação territorial para um distrito. Podendo ser de um conjunto de ruas (Kim, 2011; Nedučín; Krklješ, 2022), um bairro em sua totalidade (Noonan, 2013), ou até mesmo um conjunto de municípios, como é a visão dos distritos culturais na Itália baseados nos setores criativos que exploram o turismo e o patrimônio histórico (Arnaboldi; Spiller, 2011). Em resumo, as principais características de um distrito criativo cultural são:

- Aglomeração de empresas de diversos setores criativos e culturais, permitindo a produção e consumo de bens criativos em um mesmo território (Santagata; 2002; Kim, 2011; Nedučín; Krklješ, 2022; Carrizo, 2023);
- Espaço como potencializador da criatividade, da inovação e do empreendedorismo (Santagata; 2002; Nedučín; Krklješ, 2022; Carrizo, 2023);

- Usos mistos do território, ou seja, residencial, comercial e industrial em simultâneo (Corte et al., 2018; Nedučín; Krklješ, 2022; Carrizo, 2023);
- Atmosfera vibrante onde diversidade, espírito livre, identidade cultural ímpar e tolerância são marcas registradas (Corte et al., 2018; Kumer, 2020; Carrizo, 2023);
- Alta concentração de atividades e equipamentos culturais (Markusen; Gadwa, 2010; Corte et al., 2018; Carrizo, 2023);
- Formação de redes que facilitem o *networking*, a troca de insumos, o compartilhamento do conhecimento tácito, a governança e o processo de tomada de decisões (Santagata, 2002; Corte et al., 2018; Kumer, 2020);
- Presença de um sistema de atores institucionais que apoiem o desenvolvimento e crescimento do distrito (Sacco; Blessi; Nuccio, 2009; Arnaboldi; Spiller, 2011; Hartley, 2018);
- Procura pelo desenvolvimento sustentável do território (Sacco; Blessi; Nuccio, 2009; Lorenzini, 2011; Sepe, 2018);
- Podem tornar o espaço uma atração turística baseada na experiência proporcionada pela identidade cultural (Sepe, 2018; Nedučín; Krklješ, 2022);
- Podem estar localizados em antigas áreas degradadas onde o distrito foi utilizado como estratégia para revitalizar o espaço (Kumer, 2020; Nedučín; Krklješ, 2022); e
- Possibilidade de surgimento de formas variadas (Markusen; Gadwa, 2010; Arnaboldi; Spiller, 2011; Pasoler; Hallowell, 2018; Hartley, 2018);

## METODOLOGIA

Foi traçada uma pesquisa qualitativa a partir dos conceitos de Merriam (1998) para atender ao objetivo do artigo. Como técnica para coleta de dados foi realizada entrevista em profundidade, conforme preconizado por Taylor, Bogdan e DeVault (2015).

A entrevista foi sistematizada para validar e identificar a existência dos desafios dos distritos brasileiros, utilizando como referência os achados de Teixeira, Reis e Ferreira (2022) e Teixeira et. al (2023).

Considerando as indicações de Taylor, Bogdan e DeVault (2015), foram conduzidas 06 entrevistas com atores de dois distritos criativos brasileiros diferentes, 03 entrevistados por distrito, que foram nomeados como informantes A, B, C, D, E, e F. Os informantes foram selecionados por participarem dos distritos desde o momento de sua implementação e terem papel ativo nas respectivas governanças. Foram selecionados o distrito mais antigo e o mais jovem do Brasil, para entender como os desafios se comportam em habitats com tempo de duração diferente.

O distrito C foi concebido em 2013 em Porto Alegre/RS, pela UrbsNova, e se apresenta como um projeto coletivo e colaborativo que visa novas formas de relacionamento entre empreendedores de economia criativa, do conhecimento e da experiência, e seu entorno social e urbano, melhorando as condições de trabalho e de bem estar social, conseguindo visibilidade, promovendo um ambiente de inovação, e, em simultâneo, atraindo novos visitantes, artistas e empreendedores (Distrito C, 2023).

O distrito Centro-Gare foi lançado oficialmente no primeiro semestre de 2022. É fruto de uma construção coletiva dos atores dos ecossistemas criativos e de inovação de Santa Maria/RS, liderada inicialmente pela prefeitura municipal. O mesmo tem como propósito transformar o território por meio de iniciativas relacionadas à economia criativa (Distrito Centro-Gare, 2023)

Os dados das entrevistas em profundidade foram analisados a partir da técnica de análise temática, segundo Braun e Clarke (2012). Em um primeiro momento, após as entrevistas terem sido transcritas na íntegra, elas foram lidas, relidas e codificadas. Em seguida, os códigos foram reduzidos por similaridade e, por fim, eles foram agrupados em temas que permitissem alcançar o objetivo pretendido do artigo.

A codificação inicial das transcrições das entrevistas resultou em 51 códigos. Na sequência, houve uma redução para 19 códigos, que, por sua vez, foram agrupados em 06 temas que sintetizam os principais desafios para o futuro dos distritos criativos. Os códigos finais e os temas podem ser observados no quadro 01.

Quadro 01- Códigos e temas da análise

Códigos	Temas
Restauração	Melhoria do ambiente físico
Sensação de segurança	
Burocracia	
Comunicação	Comunicação interna e externa
Visibilidade pela sociedade	
Gentrificação	Desenvolvimento social
Inclusão social	
Habitats de inovação	Fortalecimento da economia criativa
Políticas públicas	
Empreendimentos criativos	
Talentos	Engajamento dos ecossistemas
Extensão universitária	
Engajamento	
Percepção de valor	Formação e manutenção da governança
Planejamento estratégico	
Governança	
Poder público	
Liderança centralizada	
Participação popular	

Fonte: elaborado pelos autores

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### Melhoria do Ambiente Físico

Um dos temas evidenciados como desafio para o futuro dos distritos criativos são as questões sobre o ambiente físico compreendido nos limites do distrito criativo, retratado com as questões que versam sobre a revitalização, restauração

e manutenção destes espaços, conservação do patrimônio histórico, caso esteja presente, e a sensação de segurança.

O uso da cultura e dos setores criativos como ponto de partida para regeneração de espaços urbanos é amplamente documentada (Nedučín; Krklješ, 2022; Lazarević; Koružnjak; Devetaković, 2016; Felicetti, 2016; Markusen; Gadwa, 2010). No Brasil, os distritos criativos foram implementados com essa premissa de serem ferramentas para regenerar espaços degradados (Correio; Correio, 2021; Testoni; Teixeira, 2020). Este fato é expresso por um dos participantes da pesquisa:

“A gente está em um território muito ruim, tem essa qualidade de um lado [cultural], lado a lado tem a violência, tem a insegurança, locais horríveis, prédios velhos caindo aos pedaços, um ambiente decadente, junto, tudo ao mesmo tempo.” (Informante F).

Devido ao impacto estético e social, e a possibilidade de atração de consumidores locais e turistas, a revitalização dos ambientes físicos e recuperação patrimonial de prédios históricos desempenha função central em processos de regeneração urbana (Issarathumnoon, 2022; Zarlenga, 2021; Nofre et al, 2017). Portanto, é visto como principal desafio a transpor nos distritos criativos, como mencionado por outro informante:

“Eu acho que essa revitalização, a reestruturação de espaços físicos, ela é fundamental assim. A gente fala em distrito criativo, economia criativa, essa parte mais intangível relacionadas aos distritos que são fundamentais para que ele permanece para que ele continue acontecendo, mas essa parte física da revitalização, da reestruturação, ela é, no primeiro momento, tão importante quanto, pois ela vai permitir que essas outras ações aconteçam ali dentro, principalmente no nosso distrito criativo, a gente fala de um território que ficou muito tempo adormecido em termo de estrutura, a gente precisa em um primeiro momento dar um foco maior para essas ações” (Informante B).

Todavia, essa revitalização precisa acontecer com participação popular e levar em consideração projetos já existentes anteriormente no território do distrito, bem como o patrimônio cultural existente a fim de evitar distorções futuras, tais como: distanciamento da população local, higienização territorial, apagamento da memória local e substituição da identidade local (Nedučín; Krklješ, 2022; Zarlenga, 2021; Krsmanovic 2020; Rius-Ulldemolins; Posso Jiménez, 2016).

É importante salientar a problemática da burocracia que é apontada como um obstáculo quando o processo é conduzido por agentes do poder público, tornando o tempo de execução maior e também impedindo que a sociedade consiga identificar rapidamente os benefícios dos distritos criativos, como trazido pelos informantes:

“O tempo do serviço público,(...) a gente não é como a iniciativa privada, ai que legal queria fazer a reforma desse lugar, primeiro vamos fazer o projeto, conseguir dinheiro para fazer o projeto, depois conseguir dinheiro para gente conseguir licitar, depois de licitar tem que fazer o acompanhamento da obra, para depois ainda fazer a concessão, são tempos muito longos para as coisas acontecerem (...) o problema específico deles são os tempos de entrega, (...) em função da burocracia, que está associada à legislação do serviço público, e as pessoas não conseguem enxergar essas entregas” (Informante C).

Um fato interessante é a lembrança pelos informantes que os próprios empreendimentos criativos podem desempenhar o papel de revitalização do espaço do distrito criativo de maneira mais orgânica, como exemplificado na literatura (Bain; Landau, 2022; Silva, 2021; Jesus, 2017; Lazarević; Koružnjak; Devetaković, 2016), porém de forma menos acelerada do que o poder público ou grandes iniciativas privadas, como evidenciado em:

“acho que é algo bem orgânico, porque as iniciativas vão ocupando essas casas, que em alguns casos são casas históricas, outros não, eu vejo que existe um movimento de a economia criativa ir revitalizando pelo seu próprio arranjo produtivo, é isso, um coletivo ocupa, aí chama outro para ocupar a casinha do lado, aí as coisas vão melhorando dessa forma” (Informante E)

Também foi detectado a sensação de insegurança dentro do território do distrito criativo. Apesar deste desafio está na esfera do poder público estadual, os informantes salientaram que os processos de regeneração dos territórios do distrito auxiliam a sanar este problema, como abordado por Lazarević, Koružnjak e Devetaković, (2016) e evidenciado abaixo:

“Quantas cidades cresceram e abandonaram seu espaço central, muitas vezes chamado só de centro histórico, e esse espaço vira alvo de vandalismo, vira alvo de bandidagem, também porque gera insegurança, desde iluminação precária, as portas fechadas durante à noite, sem circulação de gente, sem uma série de coisas, e isso vem de certa forma trazer um gás diferente para que ela não chegue neste estado.” (informante C).

### Comunicação Interna e Externa

Pratt (2022), e Pérez e Hincapié (2023) estabelecem que o fluxo de informação e a transferência do conhecimento só é possível pela formação de redes sociais entre as partes interessadas e pelo desenvolvimento de processos comunicacionais eficientes, sendo um desafio para territórios criativos, assim como aparece nos distritos criativos brasileiros: .

“recentemente, nós fizemos uma reunião e identificamos que um dos nossos grandes gargalos é comunicação no distrito criativo, nós não estamos conseguindo ser eficientes, ser eficaz em nossa comunicação, precisa profissionalizar, precisamos ter um grupo dedicado para comunicação do distrito criativo” (Informante A).

Faz-se necessário uma comunicação fluida entre todos os membros do distrito a fim de que haja o máximo de ciência das ações que ocorrem e reverberam neste. Todavia, esse desafio se estende além das partes interessadas, abrangendo a comunicação para a sociedade, criando mecanismos para que a população tome ciência daquela tipologia urbana e dos seus efeitos e resultados para a população em geral (Bain; Landau, 2022; Emmendoerfer; Fioravante; Araújo, 2018), como trazido por outro informante:

“Porque a gente tem um problema muito sério do distrito criativo que é de comunicação. (...) o distrito criativo é uma narrativa, ele é uma narrativa de esperança, é uma sinalização de que talvez seja por aí o caminho para a gente evoluir se a gente quiser ir mais longe, mas o que que ele é na prática, o que que as pessoas enxergam dele, o que é que é efetivo do distrito criativo em si, o que que a gente pode atribuir a existência dele, para mim é uma narrativa, é uma

narrativa que precisa de convencimento, só que é uma narrativa,(...) se essa narrativa não for cuidada, não for alimentada, se essa narrativa não for apropriada pela população, quem vai lutar pela permanência dela?(...) [Essa narrativa] precisa ser das pessoas desse território, que queiram, que apostem, mas como as pessoas vão se apropriar se não chega até elas as informações” (informante C)

A fala trazida pelo informante traz a necessidade de uma comunicação efetiva para que a população esteja mobilizada em função do distrito, inclusive criando desta forma mecanismos orgânicos de continuidade, independentes de quaisquer mudanças político-administrativas (Mackiewicz; Namyślak, 2021; Nogueira, 2006).

Em tempos de sociedade hiperativa, hiperconectada e com múltiplas fontes tentando captar o foco e atenção dos usuários (Harari, 2018; Han, 2015), a comunicação deve ser integrada e estratégica, englobando a transparência dos resultados, o diálogo entre as partes interessadas e o viés mercadológico, sendo moldada a partir dos valores, da cultura e da construção social dos envolvidos (Kunsch, 2020).

### Desenvolvimento Social

O desenvolvimento socioeconômico trazido pelos distritos pode trazer a reboque a gentrificação, como em processos similares através do globo (Chang; Feng, 2023; Kidokoro; Fukuda; Sho, 2022; Krsmanovic 2020; Grodach, 2017). Sendo este um fato que os participantes possuem consciência, como trazido por um dos informantes:

“porque esses arranjos, eles organicamente atraem a gentrificação, a gente não pode negar isso, ou sermos ingênuos e dizer que não, pois de fato é a classe média habitando um lugar que antes não habitava, seja com moradia, seja com atividades econômicas ou criativas, isso já cria uma possível gentrificação, e depende como essa atuação acontece” (Informante E).

A gentrificação é compreendida como uma consequência, intencional ou não, de determinados projetos que visam a regeneração urbana por meio da cultura, onde as mudanças no tecido econômico e comercial do território, afastam antigos moradores, transeuntes e empreendedores, criando espaço para populações mais ricas, que trazem consigo outras transformações estéticas para o espaço geográfico (Michel, 2021; De la Rosa, 2021). Apesar da ampla cobertura na literatura acadêmica, este ainda não é um problema presente entre os distritos pesquisados, segundo os informantes:

“Ainda o distrito está se desenvolvendo, as mudanças estão acontecendo de uma forma muito gradual, para a gente apontar, e dizer se isso existe ou não existe. Mas sim, isso é uma, de certa forma, uma questão que fica em pauta, que a gente sabe que isso acontece, muito difícil de evitar que essa gentrificação aconteça totalmente” (Informante B).

Apesar da não identificação no momento atual, o mesmo é visualizado pelos informantes como um desafio futuro, sendo discutido em suas respectivas governanças formas de minimizar este processo de acordo com os informantes pesquisados. Estando atentos, inclusive, há possíveis sinais que caracterizem o processo de gentrificação, como, por exemplo, a supervalorização imobiliária, os

índices de reclamação dos moradores locais, entre outros, como evidenciado pelos informantes nas falas abaixo:

“Também eu pude ver um indicativo de que o metro quadrado da propriedade, dos imóveis, no que diz respeito aos apartamentos tá, (...), se apontou ali o viés de valorização desse metro quadrado, que pode, eu não posso dizer afirmativamente que seja só pelo fato da existência e do desenvolvimento do distrito criativo, mas se identificou certo viés de valorização.” (Informante D).

Estudos de caso apontam que aumentar a participação dos moradores locais no processo decisório das atividades do distrito, pode ser uma forma de mitigar os impactos da gentrificação (Nedučín; Krklješ, 2022; Michel, 2021; Rius-Ulldemolins; Posso Jiménez, 2016). Sendo este um outro desafio para o desenvolvimento social promovido pelos distritos, promover a inclusão dos moradores locais ao processo, como relatado por um dos informantes:

“Eu acho que o maior desafio é trazer os moradores para participar disso e entender as relações que podem se criar em torno disso. e eu acho que isso é um dos fatores que leva mais tempo e dedicação (...) o bairro já estava na sua dinâmica sem os seus criativos, não existia um centro cultural nesse bairro, até que isso se incorpore, leva um tempo e precisa ter uma dinâmica de portas abertas muito genuína, muito permeável e é difícil alcançar isso, por que as linguagens se diferem.” (Informante E).

Lembrando que este movimento de integração, deve se estender a criar mecanismos de inclusão social da população mais vulnerável por meio de projetos e ações comunitárias específicas para essa finalidade, vide proposta idealizada por Lazarević, Koružnjak e Devetaković, (2016), e evidenciado na fala do informante abaixo:

“Tem um discurso incrível a respeito do distrito criativo, mas o que é na prática para que essas pessoas [em vulnerabilidade social] também tenham oportunidades? (...) por mais que a ideia em si do distrito criativo ela não esteja associada a uma política higienista, eu acho que o grande desafio para quem acredita nisso, no distrito criativo como uma estratégia de desenvolvimento, é como eu crio oportunidades para as pessoas que não tiveram as mesmas oportunidades.” (Informante C).

### **Fortalecimento da Economia Criativa**

A literatura traz que uma das diretrizes de territórios criativos é fortalecer e manter os negócios da economia criativa existentes no território, além de atrair e desenvolver outros, visando também a maior diversificação possível entre a gama dos setores criativos existentes (Lorente, 2024; Scott, 2014).

Esse agrupamento desencadeia benefícios para o território, criando uma cena cultural, redes formais e informais, e aumento no fluxo de trocas entre os atores do ecossistema criativo, que por sua vez geram a retroalimentação da cadeia, gerando e atraindo outros empreendimentos culturais e criativos (Lorente, 2024; Chang; Feng, 2023; Pratt, 2022). Esses benefícios são ratificados pelos informantes:

“A organização desses empreendedores, a interação desses empreendedores foi realmente potencializando novos, o nascimento de outros, esse é um dado, não é nem perceber, isso é um fato, que após, vamos dizer, criado essa organização,

essa relação, esse projeto, propiciou a vinda de mais outros negócios criativos sim” (Informante D).

Nas entrevistas em profundidade, foram identificadas ações que os distritos estão buscando executar para fortalecer os setores criativos presentes nos territórios, tais como:

- Atração e criação de novos habitats de inovação em seus territórios, tais como labs e hubs criativos;
- Jornadas de capacitação e qualificação focadas nas necessidades dos criativos; e
- Articulação junto aos poderes público municipal e estadual para implementação de projetos de lei que permitam incentivos fiscais para negócios criativos e culturais que estejam, ou venham a se instalar, no território do distrito, além da captação de recursos para outras necessidades advindas do projeto geral do distrito.

Outro ponto é a necessidade de reter e atrair talentos, criando uma atmosfera de diversidade e tolerância que promova assim a conexão, a inovação e o espírito empreendedor (Chang; Feng, 2023; Rezaeian; Esmailpoor, 2022; Colavitti; Usai, 2020; Florida, 2011). Foram identificadas nas falas dos informantes lacunas neste ponto específico devido ao grau de maturidade que os distritos criativos estão:

“Nossos desafios são tão anteriores a isso, que a gente nem perto de chegar na área de atrair talentos. Eu acho que a gente está numa etapa mais inicial, talvez de mapear os talentos, e se mapear esses talentos de que forma você incentiva a retê-los, porque a gente ainda não chegou nessa instância, viu. Porque as pessoas não se identificam ainda com o distrito criativo. Eu acho que ainda falta esse trabalho de identificar quem são esses talentos e depois quais são essas estratégias para retê-los, para depois em um terceiro momento, pensar em atrair novos.” (Informante C).

### **Engajamento dos Ecossistemas**

Em um distrito criativo, há duas organizações de atores que coexistem, se interconectam e se sobrepõem: o ecossistema criativo e o ecossistema de inovação. Ecossistemas de inovação podem ser definidos como um conjunto evolucionário de atores, produtos e serviços, recursos tangíveis e intangíveis, tecnológicos e não tecnológicos, e de instituições e relações, incluindo as que são complementares e de substituição, que são importantes para o desempenho inovador de um ator ou de um conjunto de atores (Granstrand; Holgersson, 2020).

Os ecossistemas criativos assemelham-se aos ecossistemas de inovação, com pequenas, porém significativas, divergências conceituais. Gasparin e Quinn (2021) definem que um ecossistema criativo é compreendido por uma complexa rede de atores cujas interações produzem processos e resultados inovadores e criativos, sendo estes moldados pelo desenvolvimento cultural, social e econômico.

Para o distrito alcançar seus objetivos é necessário o engajamento dos atores desses ecossistemas. Entretanto, o primeiro obstáculo identificado junto aos informantes é a manutenção deste engajamento para que os atores continuem a depositar esforços na produção de ações que desenvolvam os distritos criativos:

“Estamos em uma situação em que a gente precisa estar reafirmando agora os propósitos do distrito, tem muitas entregas que foram feitas, tem algumas que estão acontecendo e tem muitas que virão, mas a gente precisa ter isso muito claro que precisa haver evolução efetivamente para que as pessoas continuem engajadas” (Informante A).

E este engajamento perpassa pela mobilização dos empreendimentos criativos presentes no território, sejam eles de cunho artístico-cultural ou de base tecnológica (Bernard; Teixeira, 2020), como denotado por um dos informantes:

“Parafraseando uma amiga “Não existe distrito criativo sem ecossistema criativo” (...) quando ela fala de ecossistema criativo ela está falando de artistas e negócios da economia criativa (...) quando você tem um projeto de muitos anos, é muito mais difícil as pessoas colaborarem mesmo, elas estão lá, mas elas têm outras coisas para fazer na vida” (Informante F).

A não participação pode desencadear tomadas de decisão que criam um desequilíbrio entre o comercial e o artístico, entre o turístico e o local, impedindo a o alcance dos objetivos do distrito, provocando a gentrificação e até mesmo a substituição total, ou parcial, da produção e consumo cultural, pelas atividades de lazer e entretenimento (Yang; Qian, 2023; Michel, 2021)

Esse engajamento se estende para sociedade como um todo. Precisa haver uma mobilização social que se apodere da narrativa de desenvolvimento socioeconômico proposta pelo distrito, transformando-a em uma agente de cobrança, como evidenciado em seguida:

“Porque da mesma forma que a gente encontra pessoas entusiasmadas, que se apaixonam, e conseguem enxergar mais além, lá à frente do que não está acontecendo, nós temos algumas pessoas que vivem naquele perímetro e não tem a menor ideia do que é o distrito criativo. Como nós vamos tocar nessas pessoas? Tocar no sentido de que elas percebam esse movimento que está acontecendo e quiçá se sintam representadas nele, e que engrossem as fileiras” (Informante C).

### **Formação e Manutenção da Governança**

Por fim, o último desafio identificado remete a constituição e manutenção das governanças (Mackiewicz; Namyślak, 2021) que pode ser conceituada como a estruturação em rede de atores de um certo espaço geográfico, onde há uma divisão de poderes entre estes para tomada de decisões estratégicas sobre um conjunto de situações que afetam ao coletivo, tais como: definição de objetivos, planejamento de ações integradas, implementação de soluções para problemas comuns ao território, mobilização, atração de talentos, comunicação, e outros assuntos pertinentes ao coletivo (De Propis; Wei, 2007).

O primeiro obstáculo identificado é a continuidade na realização de planejamentos estratégicos periódicos a fim de adaptar os planos iniciais às novas nuances do mercado e da sociedade, renovando e/ou reformulando diretrizes, objetivos ou ações.

Inclusive não foi identificado junto aos informantes entrevistados quais ações estão sendo tomadas para evitar rupturas em caso de mudanças político-administrativas nos atores envolvidos com os distritos criativos. Outro achado é a existência, em ambos os distritos, de lideranças, que devido a condições do próprio

desenvolvimento do distrito, personificam a “voz” destas tipologias, criando um grau de dependência não recomendado (Mackiewicz; Namyślak, 2021; De Propis; Wei, 2007; Nogueira, 2006).

Ainda no campo da governança, assim como citado na literatura (Pérez; Hincapié, 2023; Pratt, 2022) não foi identificadas formas efetivas de mensuração e divulgação dos resultados em ambos os distritos. Há mensurações, porém focadas em manter a transparência entre os envolvidos, e não em quantificar os reais impactos da implementação do habitat de inovação e comunicar efetivamente esses dados de forma atrativa para toda a sociedade, conforme preconizado por Kunsch (2020) e Reis (2020).

Os informantes também sinalizaram a necessidade de dar voz à população no processo de decisão da governança, similar ao *placemaking* exemplificado por De La Rosa (2021) e Silva (2021), ou a partir de um componente de mobilização social conforme Henriques (2017). Lembrando que essa participação popular não pode ser meramente ilustrativa, vazia ou apenas parcial, tal qual uma propaganda, evitando distorções na missão e visão encampadas em cada distrito (Yang; Qian, 2023; Michel, 2021).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo investigou quais os principais desafios que distritos criativos localizados no Brasil necessitam superar a fim de alcançar seus respectivos objetivos e garantir o futuro dos projetos que eles constituem.

Por meio da análise temática foram identificados 06 desafios centrais para o futuro dos distritos criativos no Brasil: melhoria do ambiente físico; comunicação interna e externa; desenvolvimento social; fortalecimento da economia criativa; engajamento dos ecossistemas; e formação e manutenção da governança

O desafio para a melhoria do ambiente físico consiste no processo de revitalização do território de forma a gerar melhorias visuais e estruturais que captem a atenção dos atores do distrito e da sociedade, além de respeitar o patrimônio cultural, a memória do local e as necessidades dos moradores locais, e aumentar a sensação de segurança no local.

Outro desafio é uma comunicação eficiente e eficaz, permitindo que todas as partes interessadas compreendam o conceito deste habitat de inovação, saibam as ações e os resultados pretendidos, e, além disso, amplie a narrativa para que a sociedade “consuma” o distrito e defenda a existência do mesmo.

O desenvolvimento social do território também é um desafio já que tipologias como estas podem trazer consigo a gentrificação e o aumento das desigualdades sociais, havendo a necessidade de ações que promovam a coexistência e inclusão sociais daqueles que vivem em vulnerabilidade, além da integração do novo setor econômico com o que havia anteriormente.

O fortalecimento da economia criativa tem sido suportado por um conjunto de ações significativas de curto prazo. Há o foco em criar um ambiente que permita o crescimento dos negócios existentes, e o desenvolvimento e atração de novos negócios advindos das indústrias criativas.

Manter os atores engajados, promovendo ações para o desenvolvimento e consolidação dos distritos, além de fazer com que todos consigam identificar valor de contribuir para o crescimento deste habitat de inovação, constituem barreiras que precisam ser superadas no que tange ao engajamento dos atores dos ecossistemas.

Por fim, a governança possui obstáculos, quase diários, de sua constituição e manutenção. Para uma governança efetiva, faz-se necessários a participação popular, planejamentos estratégicos flexíveis, coletivos e colaborativos, descentralização da liderança, e mensuração e capilarização dos resultados.

É importante destacar como limitação a quantidade de entrevistas, pois houve dificuldades em obter disponibilidade de mais atores dos ecossistemas. Como estudos futuros, recomenda-se ampliar este tipo de pesquisa com outros distritos criativos brasileiros e latinoamericanos a fim de identificar prováveis convergências ou divergências.

Recomenda-se também a realização de pesquisas com outros métodos que tentem validar as conclusões identificadas no presente documento.

# Challenges for the Future of Brazilian Creative Districts: A thematic analysis

## ABSTRACT

Creative districts are habitats of innovation that promote socioeconomic development and urban regeneration based on the creative economy and innovation. There is a range of research in academic literature about the impact and challenges of these urban typologies in Europe, however there is a scarcity when the focus is on Latin America, especially Brazil. In this way, we sought to investigate the main challenges facing Brazilian creative districts in order to guarantee the future of the projects they constitute. To this end, in-depth interviews were conducted in two Brazilian districts, using thematic analysis to process the data. In the end, it was concluded that there are 6 prominent challenges in these creative territories: improving the physical environment; internal and external communication; social development; strengthening the creative economy; ecosystem engagement; and governance.

**KEYWORDS:** Creative District. Cultural Industry. Creative Sectors. Creative Ecosystem. Creative Territory.

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Os autores agradecem a CAPES, por apoiar financeiramente este trabalho através da bolsa CAPES/PROEX.

## REFERÊNCIAS

ARNABOLDI, Michela; SPILLER, Nicola. Actor-network theory and stakeholder collaboration: The case of Cultural Districts. **Tourism management**, v. 32, n. 3, p. 641-654, 2011.

BAIN, Alison L.; LANDAU, Friederike. Generationing cultural quarters: the temporal embeddedness of relational places. **Urban Geography**, v. 43, n. 10, p. 1610-1637, 2022.

BERNARD, André Peressoni; TEIXEIRA, Clarissa Stefani. Economia criativa no universo das startups. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 16, n. 40, p. 1-12, 2020.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. **Thematic analysis**. **American Psychological Association**, 2012.

CARRIZO, Jennifer García. La diversidad y los usos mixtos en los entornos culturales y creativos como impulsores de la participación ciudadana y la sostenibilidad: análisis del St. George's Cultural Quarter (Leicester, Reino Unido). **Arte y ciudad: Revista de Investigación**, n. 23, p. 71-110, 2023.

CHANG, Yuan-Chieh; FENG, Liang. Micro Foundation of Cultural and Creative Clusters: The Knowledge-based View. **Journal of the Knowledge Economy**, p. 1-21, 2023.

CHAPAIN, Caroline; SAGOT-DUVAUROUX, Dominique. Cultural and creative clusters—a systematic literature review and a renewed research agenda. **Urban Research & Practice**, v. 13, n. 3, p. 300-329, 2020.

COLAVITTI, Anna Maria; USAI, Alessia. Inside the system-wide cultural district: a new relational and organisational taxonomy of cultural districts based on the sector policies by Italian Regions (2000–2015). **City, Territory and Architecture**, v. 7, n. 1, p. 4, 2020.

CORREIO, Fabiana Arcanja dos Santos ; CORREIO, José Cláudio Rocha. Economia Criativa: Salvador Na Rota Dos Distritos Criativos. **Administração de Empresas em Revista**, v. 1, n. 23, 2021.

CORTE, Valentina Della et al. Innovation in cultural districts: the cases of Naples and Washington. In: Governing Business Systems: Theories and Challenges for Systems Thinking in Practice. **Springer International Publishing**, 2018. p. 153-166.

DE LA ROSA, Héctor Vázquez. La transformación del Ensanche Heredia en Soho. Ciudades creativas, gentrificación y promoción cultural en Málaga. **Arte y Políticas de Identidad**, v. 25, p. 143-162, 2021..

DE PROPRIIS, Lisa; WEI, Ping. Governance and competitiveness in the Birmingham Jewellery District. **Urban Studies**, v. 44, n. 12, p. 2465-2486, 2007.

Distrito C. **Home**. Distrito Criativo de Porto Alegre. 2023. Disponível em: <https://distritocriativo.wordpress.com/>. Acesso em 21 de Out de 2023 .

Distrito Centro-Gare. **Home**. Distrito Centro-Gare. 2022. Disponível em: <http://www.distritocentrogare.com.br/index.php/pt/>. Acesso em: 07 de Jul. de 2023 .

EMMENDOERFER, Magnus Luiz; FIORAVANTE, Alexandre Sette Abrantes; DE ARAÚJO, Joaquim Filipe Ferraz Esteves. Ações governamentais para o desenvolvimento de territórios criativos no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 14, n. 1, 2018.

FELICETTI, Michela. Cultural innovation and local development: Matera as a cultural district. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 223, p. 614-618, 2016.

FLORIDA, Richard. **A ascensão da classe criativa**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

FROST-KUMPF, Hilary Anne. Cultural districts: The arts as a strategy for revitalizing our cities. **Americans for the Arts**, 1998.

GASPAR, Jadhi Vincki et al. A revitalização de espaços urbanos: O case do Centro Sapiens em Florianópolis. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 2, n. 4, p. 183-205, 2017.

GASPARIN, Marta; QUINN, Martin. Designing regional innovation systems in transitional economies: A creative ecosystem approach. **Growth and Change**, v. 52, n. 2, p. 621-640, 2021.

GRANSTRAND, Ove; HOLGERSSON, Marcus. Innovation ecosystems: A conceptual review and a new definition. **Technovation**, v. 90, p. 102098, 2020.

GRODACH, Carl. Urban cultural policy and creative city making. **Cities**, v. 68, p. 82-91, 2017.

HARTLEY, Kris. Cultural policy and collaboration in Seoul's Mullaee art district. **Geoforum**, v. 97, p. 177-188, 2018.

HOROWITZ, Renata Galbinski. **A economia criativa e a preservação do patrimônio cultural: um estudo de caso do distrito criativo de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de ciências econômicas, Programa de pós-graduação em Graduação em Economia, 2023.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Editora Vozes Limitada, 2015.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. Editora Companhia das Letras, 2018.

HENRIQUES, Márcio Simeone. **Comunicação e estratégias de mobilização social**. Autêntica, 2017.

ISSARATHUMNOON, Wimonrart. Understanding the Dynamic Creative Clustering in the Phra Athit Road Area of Bangkok. **Nakhara: Journal of Environmental Design and Planning**, v. 21, n. 3, p. 220-220, 2022.

JESUS, Rodrigo Poltosi Gomes de. Patrimônio Ambiental Urbano e Revitalização Urbana: estratégias possíveis para o 4º Distrito. **Revista Thésis**, v. 2, n. 3, 2017.

KIDOKORO, Tetsuo; FUKUDA, Ryo; SHO, Kojiro. GENTRIFICATION IN TOKYO: Formation of the Tokyo West Creative Industry Cluster. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 46, n. 6, p. 1055-1077, 2022.

KIM, Won Bae. The viability of cultural districts in Seoul. **City, Culture and Society**, v. 2, n. 3, p. 141-150, 2011.

KUMER, Peter. Hidden geographies of social justice in an urban environment: The particularities of naturally-occurring arts districts. **European Journal of Geography**, v. 11, n. 2, 2020.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. Comunicação organizacional integrada na perspectiva estratégica. In: FÉLIX, Joana D'arc Bicalho (orgs) **Comunicação estratégica e integrada: a visão dos renomados autores de 5 países**. 1 ed. Brasília: Editora Rede integrada, 2020.

LAZAREVIĆ, Eva Vaništa; KORUŽNJAK, Arch Boris; DEVETAKOVIĆ, Mirjana. Culture design-led regeneration as a tool used to regenerate deprived areas. Belgrade—The Savamala quarter; reflections on an unplanned cultural zone. **Energy and Buildings**, v. 115, p. 3-10, 2016.

LORENZINI, Eleonora. The extra-urban cultural district: An emerging local production system: Three Italian case studies. **European Planning Studies**, v. 19, n. 8, p. 1441-1457, 2011.

LORENTE, J. Pedro. Reviewing the “Bilbao effect” inside and beyond the Guggenheim: Its coming of age in sprawling cultural landscapes. **Curator: The Museum Journal**, v. 67, n. 2, p. 365-379, 2024.

MACKIEWICZ, Marta; NAMYŚLAK, Beata. Development conditions for creative clusters in Poland in view of institutional environment factors. **Growth and Change**, v. 52, n. 3, p. 1295-1311, 2021.

MARKUSEN, Ann; GADWA, Anne. Arts and culture in urban or regional planning: A review and research agenda. **Journal of planning education and research**, v. 29, n. 3, p. 379-391, 2010.

MERRIAM, Sharan B. **Qualitative Research and Case Study Applications in Education. Revised and Expanded from "Case Study Research in Education."**. Jossey-Bass Publishers, 350 Sansome St, San Francisco, CA 94104, 1998.

MICHEL, Basile. Art, creativity, and tourism in creative quarters: trajectory and tensions of the cultural scene of the M50 art district in Shanghai. **Cybergeo: European Journal of Geography**, 2021.

MICHEL, Basile. Les quartiers créatifs: construction de clubs de travailleurs créatifs. Analyse croisée des quartiers du Panier (Marseille) et des Olivettes (Nantes). In: **Annales de géographie**. Cairn/Publilog, 2018. p. 227-253.

NEDUČIN, Dejana; KRKLJEŠ, Milena. Culture-Led Regeneration of Industrial Brownfield Hosting Temporary Uses: A Post-Socialist Context—Case Study from Novi Sad, Serbia. **Sustainability**, v. 14, n. 23, p. 16150, 2022.

NOFRE, Jordi et al. Exploring nightlife and urban change in Bairro Alto, Lisbon. **City & Community**, v. 16, n. 3, p. 330-344, 2017.

NOGUEIRA, Fernando do Amaral. **Continuidade e descontinuidade administrativa em governos locais: fatores que sustentam a ação pública ao longo dos anos**. Tese (Doutorado) - Fundação Getúlio Vargas, Administração Pública e Governo, 2006.

NOONAN, Douglas S. How US cultural districts reshape neighbourhoods. **Cultural Trends**, v. 22, n. 3-4, p. 203-212, 2013.

PIQUE, Josep Miquel et al. Application of the triple helix model in the revitalisation of cities: the case of Brazil. **International Journal of Knowledge-Based Development**, v. 10, n. 1, p. 43-74, 2019.

PASOLAR, Celen; HALLOWELL, George Dewey. A grassroots research approach for branding urban districts. **Archnet-IJAR: international journal of architectural research**, v. 13, n. 2, p. 331-348, 2019.

PÉREZ, Fausto Maussa; HINCAPIÉ, Juan Manuel Montes. Intangible Cultural Heritage and Creative Ecosystems: a Literature Review. **Revista Finanzas y Política Económica**, v. 15, n. 2, p. 17-18, 2023.

PRATT, Andy C. Toward circular governance in the culture and creative economy: Learning the lessons from the circular economy and environment. **City, Culture and Society**, v. 29, p. 100450, 2022.

REIS, Ana Carla Fonseca. Política de economia criativa em Buenos Aires: do plano 2010 aos distritos criativos - reflexões e inquietações. In: SILVA, Frederico Augusto Barbosa da; ZIVIANI, Paula. (Org.). **Políticas públicas, economia criativa e da cultura**. Brasília: Ipea, 2020.

REZAEIAN, Fereshte; ESMAILPOOR, Najma. Planning policies for transition from historical quarters of the global city of Yazd to urban creativity, a case study: Fahadan quarter. **Journal of Cultural Heritage Management and Sustainable Development**, 2022.

SABATINI, Francesca. Culture as fourth pillar of sustainable development: Perspectives for integration, paradigms of action. **European Journal of Sustainable Development**, v. 8, n. 3, p. 31-31, 2019.

SANTAGATA, Walter. Cultural districts, property rights and sustainable economic growth. **International journal of urban and regional research**, v. 26, n. 1, p. 9-23, 2002.

SANTAGATA, Walter. **Cultural districts and economic development**. University of Turin, 2004.

SACCO, Pier Luigi; BLESSI, Giorgio Tavano; NUCCIO, Massimiliano. Cultural policies and local planning strategies: What is the role of culture in local sustainable development?. **The journal of arts management, law, and society**, v. 39, n. 1, p. 45-64, 2009.

SCOTT, Allen John. Beyond the creative city: cognitive–cultural capitalism and the new urbanism. **Regional Studies**, v. 48, n. 4, p. 565-578, 2014.

SEPE, Marichela. **Place identity and creative district regeneration: The case of 798 in Beijing and M50 in Shanghai art zones**. 2018.

SIQUEIRA, Gisele Carvalho et al. CTS e CTSA: em busca de uma diferenciação. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 17, n. 48, p. 16-34, 2021.

TAYLOR, Steven J.; BOGDAN, Robert; DEVAULT, Marjorie. **Introduction to qualitative research methods: A guidebook and resource**. John Wiley & Sons, 2015.

TEIXEIRA, Clarissa Stefani; PIQUÉ, Jorge; FERREIRA, Juliana Duarte. **Volta ao mundo por meio dos Distritos Criativos**. São Paulo: Perse, 2022.

TEIXEIRA, Clarissa Stefani; REIS, Danisson Luiz dos Santos; FERREIRA, Juliana Duarte. Distritos criativos ibero-americanos: semelhanças e distinções . In: **Anais eletrônicos do congresso ibero-americano de economia criativa**, 381-396, 2022.

TEIXEIRA, Clarissa Stefani; REIS, Danisson Luiz dos Santos; FERREIRA, Juliana Duarte; SILVESTRO, Anderson Ricardo; MATOS, Guilherme Paraol de. Distritos Criativos brasileiros: desafios e oportunidades para o futuro. In: **Anais dos trabalhos apresentados na 32o Conferência Anprotec de Empreendedorismo e Ambientes de Inovação**, 2023.

TESTONI, Beatriz; TEIXEIRA, Clarissa. Stefani. Distritos Criativos: Bairro Alto e Maboneng. In: Depiné Ágatha Cristine; TEIXEIRA, Clarissa Stefani (Orgs). **Habitats de inovação: conceito e prática**. São Paulo: Perse. v. 3, 2020.

WEISSHEIMER, Maria Regina. Preservação do patrimônio urbano no Brasil: uma análise de tendências para uma mudança de abordagem. In: **XII Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo**, São Paulo-Lisboa, 2020. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2020.

YANG, Chen; QIAN, Zhu. “Art district without artists”: urban redevelopment through industrial heritage renovation and the gentrification of industrial neighborhoods in China. **Urban Geography**, p. 1-23, 2023.

ZARDO, Julia Bloomfield Gama; KORMAN, Sandra. O empreendedor cultural e a questão da diferença. In: ZARDO, Julia Bloomfield Gama et. al (Org.). **Incubadoras Culturais, do negócio da cultura à cultura dos negócios: um guia de planejamento e gestão**. Brasília/DF: ANPROTEC & SEBRAE, 2005.

ZARDO, Julia Bloomfield Gama; MELLO, Ruth Espínola Soriano de. Rio Criativo-Incubadora de Empreendimentos da Economia Criativa do Estado do Rio de Janeiro: Análise Crítica da Universidade Empreendedora Executora de Política Pública. **Sistemas & Gestão**, v. 7, n. 2, p. 206-221, 2012.

ZARLENGA, Matías. Políticas de regeneración urbana a través de la cultura en ciudades latinoamericanas. **EURE (Santiago)**, v. 48, n. 144, p. 1-21, 2022.

**Recebido:** 10/05/2024  
**Aprovado:** 14/03/2026  
**DOI:** 10.3895/rts.v22n68.18553

**Como citar:**

REIS, Danisson Luiz dos Santos; TEIXEIRA, Clarissa Stefani. Desafios para o Futuro dos Distritos Criativos Brasileiros: uma análise temática. **Rev. Technol. Soc.**, Curitiba, v. 22, n. 68, p.23-44, jan./mar, 2026. Disponível em:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/18553>

Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

